

# **Pichação e suas múltiplas conexões**

## **Das cavernas a Goiânia**

**Ercília Macedo-Eckel**

Ó parede, admira-me que sustentas tantas bobagens sem desmoronar. (Grafito em Pompeia, Roma Antiga).

Minha escola é a rua. (Kboco7, Goiânia).

Antes, atraindo-me um esboço histórico sobre o assunto. As pichações vêm de priscas datas. O homem rabisca desde os tempos das cavernas, com os recursos de que dispunha. A arte rupestre mais antiga, de que tenho notícia pela Web, consta do período paleolítico superior (40.000 a.C.). Está representada nas paredes e tetos rochosos das cavernas e grutas, ou nas rochas de difícil acesso, ao ar livre. Esses rabiscos e figuras feitos com sangue, argila, ou excremento de morcego, constituem os primeiros museus da humanidade. Pertencem à Pré-História; são anteriores à escrita.

Também me fascina a história de Pompeia, no Império Romano, situada a 22 km de Nápoles, na Itália. Essa cidade fora soterrada pelo vulcão Vesúvio em 24 de agosto de 79 a.C. Contudo foram descobertas e desenterradas partes de suas ruínas (por acaso), em 1748, durante escavações para construção de um canal. Além de corpos e plantas petrificados, apareceram também paredes do Fórum grafitadas por agricultores, colonos, artesões, políticos, comerciantes, artistas de espetáculos em teatro ou anfiteatro. Tal Fórum (centro político, comercial e religioso) exibiu paredes cheias de informações e propaganda, como se fossem elas (paredes) páginas de um jornal mural da plebe, dos cidadãos comuns. Muitos desses semi-alfabetizados, com pouca escolaridade. Escreviam utilizando-se de carvão ou grafita, em latim vulgar, inculto, falado pela classe inferior da sociedade romana da época. Diferente do latim clássico, escrito e falado no Império pela nobreza, pelos intelectuais e oradores, como Cícero - um latim culto, literário, elitizado, rígido gramaticalmente. Diante disso, eu pude recordar (quando estudante) a força, flexibilidade e conquista de espaço do latim vulgar, da plebe, em sua passagem para a língua portuguesa, e dessa para as diversas modalidades da língua praticada no Brasil. Da mesma forma, as variantes que parecem predominar entre nós são as da fala e escrita vulgares, dos iletrados ou quase, e a coloquial da conversa despreziosa. Língua nossa de cada dia tão antigramatical, tão “inculta e bela”, tão “esplendor e sepultura” também nas paredes e monumentos de Goiânia. E semi-analfabeta na pichação digital de muitos. Nos blogs da galera é a “última flor” anti-ortográfica a se abrir, não é Bilac?

Essa vontade de pichar acompanha o homem desde os rituais para sorte na caça, passa com ele pela “arte mural”, através de rabiscos e desenhos a dedo ou com instrumentos laminados da Pré-História, delinea as figuras de perfil na Antiguidade

Oriental do Egito, atravessa a Idade Média e Moderna, até chegar à Idade Contemporânea, ao imenso painel de pichação do muro de Berlim, no lado ocidental da Alemanha (Tal muro vai de 13 ago. 1961 a 9 set. 1989).

Os religiosos católicos da Idade Média, além de queimarem as bruxas vivas com piche na *Santa Inquisição*, também pichavam os conventos rivais para divulgar suas ideologias e criticar doutrinas contrárias. Com o passar do tempo, a pichagem foi se tornando prioritariamente um ato de protesto ou de reivindicação. Até que, no século XX, após a Segunda Guerra Mundial, ela ganhou maior prestígio e, cerca de duas décadas depois, foi usada em Paris (1968) para mostrar a insatisfação dos acadêmicos pelas instituições universitárias e para lutar em prol da liberdade de expressão.

Na década de 1960, houve vários tipos de movimentos político-culturais no mundo. Além daqueles contra a Guerra do Vietnã, houve também os que batalhavam contra o racismo, moralismo e valores tradicionais. Buscavam a possibilidade de preferências e escolhas diversas. Para isso, e como forma de protesto, valiam-se da música, dança, pintura, decoração e cores psicodélicas, além de literatura, teatro e cinema. Palavras de ordem, como “Paz e amor”, “Faça amor, não faça guerra”, dos hippies eram slogans visualizados por toda parte. “Sexo, drogas e rock and roll”, também. Essa foi uma década de importantes acontecimentos e de “poder”. Poder da flor (hippie), dos Beatles, da pele negra, do gay, da mulher, com anticoncepcionais e feminismo. Poder do homem sobre o espaço: chegada à lua, em 20 de julho de 1969. Também não podemos nos esquecer do poder do misticismo, da Arte Pop e Arte de Rua. Nem olvidar o Movimento Hare Krishna, iniciado em 1966, Nova Iorque, e chegado ao Brasil em 1970. Perder da memória o psicodelismo? Nem pensar! Esse transe de felicidade, sensação de beleza, perfume e admiração, diante da natureza tão colorida, não pode ser esquecido. E nas discotecas luzes piscavam agressivamente sobre a moda consumista. Gola de Mao, camiseta de Che, na onda da serigrafia (silkscreen). Contestação também gasta dinheiro!

Entre nós, a partir de 1964, somaram-se a esses movimentos as manifestações contra a repressão e censura impostas pela ditadura militar. E essa contracultura (vinda também das capas dos discos dos Beatles, dentre outros) influenciou as capas dos discos de bandas de rock, de LPs brasileiros da Tropicália, de Ronnie Von, de Zé Ramalho, Mutantes, Secos e Molhados, outros. Os psicodélicos rabiscavam desenhos distorcidos, desafinados e os coloriam com nuances baritonadas, inspirados no Oriente ou no Antigo Egito: Viam música e escutavam cores em suas alucinações. E os cartazes psicodélicos da época, já próximos da pichação, diziam: “Se você não consegue ler, não é para você.”

Nesse quadro de contracultura e psicodelia não podemos nos esquecer de Maurício Hippie (Maurício Vicente Oliveira). Um tipo popular das ruas de Goiânia, que diz nunca haver se envolvido com drogas. Hoje ele tem aparência convencional e comportada. Porém na época (1965- até a década de 1980), rodava de bicicleta (para não poluir) em companhia de seus cachorros coloridos com violeta genciana, ou conforme a cor de sua roupa. Extravagante e efuzivamente.

No final de 1970, eu fazia Artes Visuais na UFG (curso incompleto). De repente, no intervalo para recreio, todo cheio de penduricalhos, entra Maurício Hippie em nossa sala de aula, onde havia um piano. Deu um show improvisado e atendeu a vários pedidos. Depois fiquei sabendo que dedilhava também acordeão, órgão e violão. Mas... tinha a aparência de andarilho, inserido que era na contracultura.

Voltando ao exterior, no final da década de 1960, começo de 1970, Taki 183 (Demetaki/Demétrio) lançou suas tags, demarcou seu território e estilo próprio em Nova Iorque, usando o número da casa onde morava. Ganhou reconhecimento de crianças, de

jovens e da mídia. *The New York Times* (1971) publicou artigo em manchete sobre ele e suas marcas.

Logo depois, ou concomitantemente, meados da década de 1970, surgiu o Movimento Cultural Hip-Hop em Nova Iorque, nos subúrbios dos menos favorecidos, nos guetos de negros, jamaicanos e latinos. As batidas desse grupo, suas pausas e falas rimadas, logo se aliaram à grafite e à pichagem, com suas tags (assinaturas) para, na década de 1980, ganharem maior visibilidade e espaço na sua cidade de origem, sob a liderança de Afrika Bambaataa (Planet Rock, 1982). A ideia básica desse líder era a disputa pela criatividade, sem armas ou violência, entre os diferentes estilos e tribos inseridos nesse contexto social marginal.

Marginal aos padrões culturais comuns estabelecidos pela sociedade a que eles deveriam pertencer. Porém percebo que, aqui entre nós, esses marcadores de território têm vida social própria, para além do hip-hop, da pichação e da grafite. Podem reunir e se divertir em grupos de pelada, funk, rock, com tribos de balada, birita e outros. Mas jogar futebol num campinho improvisado não significa ausência de rivalidade mortal entre torcedores de times oficiais adversários. Convém acrescentar que há também os grupos de vida antissocial, do crime e contravenções diversas, os de perturbação de rua e da vizinhança. Deve ser lembrada aqui a pichação do silêncio pela tribo automotiva. Ela ameaça voluntariamente o sossego noturno, com rancos de motores, som megaterror e buzinações, estremecendo os edifícios e a madrugada de Goiânia. Principalmente nos finais de semana.

Surpreendentemente, no meio de tantas tribos, surge em 2011, na Rádio Sara Brasil FM 93,9 dessa Capital, uma programação de rap cristão, a Conexão Hip-Hop, com linguagem bem articulada para esse tipo de ouvinte. Provavelmente com o objetivo de salvar esses adolescentes da criminalidade reabilitá-los socialmente. Seria o grupo de evangélicos. Talvez de ex-pichadores ou de ex-contraventores.

No Brasil e em Goiás a pichação começou devagarinho e foi se agigantando. Afora a rupestre, quem sabe tudo tenha se iniciado com os versos medievais de Anchieta rabiscados nas areias da praia de Iperoig (SP); ou com uma Estrela de Davi tatuada no tronco de uma árvore centenária, por ocasião da chegada dos judeus na selva amazônica (século XIX). E tenha prosseguido na capa de um caderno, na carteira da escola, no banheiro do liceu, na antiga rodoviária ou na estação de trem. Estendeu-se para o banco da praça, para as muretas de uma igrejinha lá no alto, para os quênios, rochas e falésias – até chegar à ousadia e violência visual urbana de nossos dias.

Durante a ditadura militar (1964-1984), as pichações foram utilizadas como forma de contestação, com grande risco para seus executores. “Abaixo a ditadura” era expressão impronunciável. Entretanto havia muitos estudantes e artistas ainda moços liderando a massa jovem contra o golpe. Nesse movimento incluíam, às caladas da noite, palavras de ordem e slogans subversivos em paredes de grande visibilidade. Eram garotos politizados, bem informados. Liam muito. Ao contrário dos pichadores do Brasil de hoje, que não têm uma ideologia de comportamento político, nem bandeira social bem definida para defender. A pouca escolaridade da maioria lhes permite apenas desenhar o alfabeto especial de suas assinaturas. Ao emporcalharem a cidade (paredes, muros, portões, portas, pontos de ônibus, viadutos, tapumes de construção, armários de linhas telefônicas...), esperam ser vistos e reconhecidos de qualquer forma, “fazer nome” na praça e inveja a outros pichadores. Além de sentirem prazer com a excitação perigosa da adrenalina.

Ainda em 1984, surge o filme *Beat Street*, ou *Na onda do break* – “a loucura do ritmo”. Através desse filme, pichadores e grafiteiros ganhariam significados diferentes, diante da cena em que Spit pulveriza seu spray sobre os desenhos de Ramo (Ramon) e

de outros, anulando as tags adversárias. Ramo não podia ver espaço em branco ou trens de metrô, que imaginava neles sua criação. Até se encontrar com Spit e morrer nos trilhos. A película coincide com o período de abertura política no Brasil. Então o poder da “arte de rua” na mão dos adolescentes, somado à moda esportiva suburbana, expandiu-se até chegar a Goiânia. Roupas largas, bonés virados para trás ou para o lado. E os jovens goianienses redescobriram aquela forma desafiadora e barata de se divertir: a pichação. Acompanhada do hip-hop, com seus passos à Michel Jackson (1983, álbum Thriller) e gestos robotizados. Paralelamente ao filme Beat Street, surge a expressão “cultura hip-hop” no Brasil. São Paulo foi por onde tudo começou, aproveitando, além do filme, os principais elementos da cultura de rua iniciada na década de 1970: 1º) B-Boy & B\_Girl – o break, dançarino(s) imitando movimentos robóticos; 2º) DJ – o criador dos sons, o instrumentista que escolhe e manipula o som em vinil, CDs, vídeos, laptop, ou através de mixagens. Ao lado dele, convém mencionar o Beat Box – que imita sons e instrumentos musicais com a boca e cavidade nasal. 3º) MC – mestre de cerimônia, o anfitrião do evento, o rimador que canta e fala com a platéia. Tem o controle do microfone, dá a mensagem da periferia e anima a festa (Tipo Jair Rodrigues). 4º) Grafite – elemento associado à tribo urbana do hip-hop, com certo grau de transgressão e complexidade em seu painel multicolorido. Painel esse que pode conter mensagem poética e artística. E ainda exibir letras e tipos gráficos de pichação para identificar sua galera.

Em Goiás foi criado (13/5/2007) o Dia Goiano da Cultura Hip-Hop. A festa foi no Liceu, na Rua 21, centro de Goiânia, com a participação de 40 municípios goianos. E esse Liceu recém-reformado e repintado (2010) já está com seus muros completamente pichados. Não foram grafitados, conforme sugere a cultura hip-hop. Afora a paisagem oferecida pelos lavadores de carro, em volta do quarteirão, com seu arsenal de “limpeza”.

Mas, afinal, qual é a diferença entre pichação e grafite hoje, no Brasil? Pichação é uma inscrição, assinatura ou tag; uma marca gráfica monocromática pessoal ou de um grupo, executada principalmente com lata de spray preto sobre uma superfície, parede ou monumento. É considerada como ação clandestina, de vândalos; uma provocação visual e esteticamente agressiva. Enquanto a grafite seria um desenho artístico, policromático, mais elaborado, apreciado, permitido e aceito como arte contemporânea. Muitos grafiteiros de hoje são ex-pichadores. Talvez por isso haja respeito entre eles.

Tenho sentido, nesse texto e em outros, que ter idade mais avançada me permite buscar, no arquivo da memória, informações importantes para desenvolver determinados assuntos. Daí eu deduzir que, em Goiânia, a pichação começou em 1980, seguida do hip-hop e das torcidas organizadas, ganhando direções diversas: Bairro Feliz, Setor Universitário, Vila Nova, Criméia, Norte Ferroviário e outros setores mais nobres. Lembro-me de que no Bairro Feliz (1980), o jornalista Anatole Ramos (1924, MG-1994, GO) liberou seu muro na Rua L-4 (na qual eu também residia) para múltiplas manifestações através da pichagem. No centro da cidade, os pichadores preferiam e ainda preferem a Praça Cívica, por seus prédios públicos. Também porque é lá que acontecem os grandes eventos e é de lá que partem os movimentos reivindicatórios da sociedade local. Isso não significa que os responsáveis pelas tags atuais sejam politizados ou defendam alguma bandeira partidária ou ideológica. É pura “atitude” adrenalínica, de poluição visual, desafiadora. Os edifícios de arte decô, simples, meio cubistas ou geométricos, da época da fundação de Goiânia, estão sob piche. O Museu Zoroastro Artiaga (com câmeras externas), pintado e repintado dezenas de vezes, é o preferido das gangues. Descendo a Av. Goiás, o prédio que mais sofre agressão dos pichadores é o histórico Grande Hotel. E, na Praça do Bandeirante, na laje de cobertura

do edifício mais alto, os amigos do spray desafiam a lei da gravidade e experimentam o auge adrenalínico da pichagem. Coisa de macho! “Nois é desprezado, mais nois é reconhecido. Nois manda nessa porra. Oia lá o meu traço.” Ou: “Nois pode encina as letra de estilo proces no nosso brog. Nois é digital!”

Com a tecnologia o mundo e o conhecimento cabem na ponta do dedo. Quando ouço algum apresentador ou apresentadora de televisão das grandes metrópoles brasileiras dizer, referindo-se a Goiás ou Goiânia: “...aquele interiorzão”, ou “Que bom que você voltou para a civilização, saiu da fauna. Quanto tempo morou em Goiânia?” Rio dessa celebridade e tenho muito dó dela por tanta desinformação. Aqui precisamos é de visibilidade. Para além das pichações. Para além das fantásticas duplas sertanejas. Para além dos conceitos de “Goiânia, roça asfaltada”, ou de “Goiânia, Dallas brasileira”. Os intelectuais e artistas locais sabem disso. Mas nem todos têm a coragem e o convencimento de Kboco7 (Márcio Mendanha, goianiense de 1978). Seus traços chegaram à “grafite do abstrato”. Ele saiu de Goiânia, passou por Porto Alegre, cidades do Chile, da Europa, e hoje reside em São Paulo. Quebrar padrões, ganhar visibilidade e manter-se nas alturas (não cair), acontece também com alguns daqueles que viveram o brilho do piche e a epifania dos anjos de asas escuras.

“Nois manda nessa porra!” Talvez esses pichadores pensem no português que vou lhes emprestar: Goiânia é de quem? Dos políticos corruptos, mentirosos e irresponsáveis? Dos ricos ou quase ricos? Dos donos da verdade ou da falsa limpeza? Não! Goiânia é nossa. Olha aqui a nossa marca, a nossa assinatura; nosso emprego, nossa faculdade e nossa especialização. Sabemos que o futuro de alguns de nossa gangue poderá ser obscuro e sigiloso, como o currículo de muitos políticos. Poderá ser negro, pontiagudo ou sinuoso, como nossos rabiscos nas paredes da cidade.

Diante desse raciocínio, poderíamos atribuir aos autores de pichagem (apesar das letras vazias de conteúdo) algum gesto político e ideológico, além do simples prazer de emporcalhar a cidade?

Prazer esse estimulado pelas Marias Gangueiras, grupos de meninas fascinadas por pichadores de todos os bairros e de todas as classes sociais nessa Capital. Então os garotos do piche devem se mostrar bons de briga, praticar muita treta e exibir muita manha para vencerem os adversários. Até dar tiros e facadas é possível, para o gáudio das Gangueiras. Por trás de tanta violência pode estar uma rasura sobre a pichação do líder ou de sua gangue – e outros motivos fúteis. Assim, além de deixarem suas “assinaturas” pela cidade, também se envolvem com outras contravenções e delitos, como acontece às gangues do Alto da Glória, Jardim América, Parque Vaca Brava, que têm o hábito de promover brigas, arruaças e usar entorpecentes. Como se isso não bastasse, esses grupos exibem armas e fazem apologia de seus crimes na internet. Comportamento esse que ajuda a PM chegar mais rapidamente ao bando. Nova Suíça, Parque Amazônia e Setor Bueno também exigem monitoramento cuidadoso do Comando da 9ª Companhia Independente da Polícia Militar, Goiânia.

Alguns desses pichadores são menores de idade, semi-analfabetos, mas sabem de cor e salteado as leis que os protegem. Também sabem que dificilmente receberão uma “apreensão” realmente educativa.

Muitas vezes, uma gangue ou um só elemento desses meninos picha os quatro cantos da cidade, o que dificulta a identificação de responsabilidade pela DEMA – Delegacia Estadual de Meio Ambiente. E, ainda que os proprietários dos imóveis tenham registrado queixa, tirado foto e descoberto o infrator ou seu grupo, dificilmente serão ressarcidos, ou verão o delinquente receber alguma sanção. Resta às vítimas a remoção do piche com produto específico, usar verniz incolor antipichação, pagar tudo

e guardar as notas fiscais para nada. Dias depois o “artista” zomba. E até dá para decifrar: “Si deu mau oia nois traveis”.

A indignação dos goianienses é verbalizada nas ruas, nas esquinas. Porém quase não há denúncia formal. E, quando há, resulta em punição nenhuma, ou em aquelas “cestas básicas”. Que tal se esses vândalos fossem obrigados a limpar a sujeira da cidade? Paredes, muros, portões, viadutos... Que tal se fossem designados para orientar os sujismundos a não jogarem embalagens plásticas, pets, latas e garrafas vazias, copos descartáveis, etc, nas ruas e bocas-de-lobo?

Não podemos ficar passivos, indiferentes, ou apenas indignados. A comunidade precisa deliberar sobre essa poluição visual. Assim todos nós nos julgaríamos no direito de exigir responsabilidade política e ética daqueles que nos representam. Mas, como os políticos que “aprontam”, mudam de partido e voltam renovados, a galera do piche também tem formação renovadora e provocativa: “Oia nois aqui traveis” Com outra tag.

Outra abordagem que não pode ser esquecida, aqui, é da pichação virtual. Nela a página da internet se torna uma parede ou um suporte para a invasão criminosa. Pode acontecer de um pichador digital alterar maldosamente uma imagem ou texto, fazer falso perfil dele ou da vítima, enviar e-mails difamatórios ou modificados, anarquizar motores de busca ou buscadores de pesquisa, subtrair dados confidenciais, danificar o sistema cibernético e até praticar atos fraudulentos.

Hacker e cracker são termos controversos. Mas vou considerá-los em seus significados originais: O *hacker* tem ética, trabalha legalmente, elaborando ou modificando software (sequencia de instruções, a parte pensante do computador) e hardware (componentes eletrônicos, circuitos integrados e placas que se comunicam; a parte física do computador). Já o *cracker* está descrito no parágrafo anterior. É um invasor digital, age criminosa e ilegalmente; “quebra” o sistema de segurança para danificá-lo e fazer vítimas.

Segundo a Wikipédia (Ver: crackers), há diferentes tipos desse gesto destrutivo, dessa incivilidade. Citaremos alguns: O *revanchista*, por exemplo, é aquele que, ao sair de uma empresa, ou estando insatisfeito lá, pratica alguma vingança digital contra ela, Se tiver vocação para a barbárie virtual, terá grande prazer em causar sofrimento e prejuízo às vítimas, provocando queda no sistema por algum tempo, tirando a página do ar, pichando sites, destruindo dados armazenados, etc. Outro tipo de invasor digital é o *espião*, que adquire e passa adiante informações confidenciais científicas, políticas, militares ou pessoais e profissionais – arquivadas no computador invadido. E pode lucrar com isso. Há também o *plantador de notícias* – por conta própria ou a pedido de alguém – capaz de fazer um grande estrago na vida de celebridades, de políticos e empresários, de jovens estudantes, ex-cônjuges e outros – dos quais o caluniador tenha inveja ou com os quais deseje efetuar um acerto. Um bom exemplo de notícia plantada é o ocorrido com o cantor canadense Justin Bieber, na noite do dia 3 para o dia 4 de setembro/11, em que o site da revista Capricho fora crackeado com a falsa notícia da recente revelação homossexual do astro e, como consequência, o cancelamento de seus shows no Brasil, entre 5 e 10 de outubro desse mesmo ano.

Goiânia também tem sido vítima desses invasores e pichadores digitais chamados de crackers: Em 4 de julho de 2011, o site da AGEKOM (Agência Goiana de Comunicação) foi pichado com a bandeira de Marrocos e invadido três vezes no mesmo dia. Antes, no mês de abril, uma trinca (Alexandre, Charles e Luís Bezerra) foi pega roubando contas bancárias no Itaú, HSBC e Bradesco. Esparramavam vírus por e-mails e faziam pequenas transferências, chegando a sacar R\$ 4.000,00 por dia ([www.tvgoiania.com.br](http://www.tvgoiania.com.br)).

Mas o caso mais pitoresco de cracker nessa Capital é o de Melzinha (2003). Ela se hospeda num endereço virtual da República Tcheca. Como no piche em parede, essa invasora busca fama e notoriedade. Exibiu na época nomes e senhas de 152.900 internautas do provedor Inter.Net (Hacker News, [condutaetica.uol.com.br](http://condutaetica.uol.com.br)). Porém há uma informação tranquilizadora referente a esses ataques. Do diretor do provedor Infolink, Antônio Carlos Pina: "... existem sistemas que geram senhas criptografadas invioláveis." ([revistaepoca.globo.com](http://revistaepoca.globo.com)) – 17. mar./ 03. Vamos acreditar. E voltemos a falar de Melzinha. Nascida nessa Capital, dizia morar e estudar no Canadá. No seu blog, fazia críticas à falta de segurança das empresas de Goiânia e chegou a atacar algumas delas. Furtou milhares de senhas de conexões ADSL da Brasil Telecom e publicou mais de 150 mil nomes de usuários e senhas do provedor Inter.Net, como já foi dito.

Observação: Melzinha não é mulher e nunca saiu do Brasil. Tem identidade de camaleão. Está em constante metamorfose. E mais – são dois homens. Um de Goiânia ("Confisco") e outro de Santo Antônio dos Montes - MG (KeviOne). Já devem ter mudado de site, "nick" ou apelido (Conferir: Hackers News, [condutaetica.vilabol](http://condutaetica.vilabol)).

Vanessa Nunes, gaúcha, desde 2010 no Canadá, em reportagem sobre tecnologia, no Zero Hora – O que é pichação de sites, 25 jun./11 – diz "as latas de spray foram substituídas por mouse e teclado": protestam contra governo e empresas; dizem que tal sistema de segurança é melhor que outro. E a vontade de aparecer faz até da facer- poeta-brasileiro publicar seus poemas nas páginas invadidas.

Como na pichação de paredes e muros, há também as gangues de pichadores virtuais, bastante organizadas. Vanessa Nunes sugere que os mais interessados acessem [www.zone.h.org](http://www.zone.h.org) – um ranking mundial de ciberpichação. A importância do defacer depende da importância do site e da dificuldade de acesso a ele.

O foco de muitos desses crackers, além de obter fama, é criar demanda para serviços de segurança. Entretanto, para nossa pacífica tranquilidade, há um setor da polícia civil especializado em crimes eletrônicos. É a Divisão de Repressão aos Cibercrimes, da Delegacia Estadual de Investigações Criminais (DEIC). Fica na Cidade Jardim – Goiânia, com o telefone 0(62) 3201-1140 (ou -1150).

Como vimos, rabiscos, desenhos e pichagem vêm de representações rupestres sobre rochas da Pré-História. Algumas dessas representações estão superpostas, isto é, rabiscadas sobre outras já existentes, como fazem os pichadores de hoje, ao assinarem sobre, ou rabiscarem as inscrições alheias. Esses rabiscos e desenhos partiram da visão de um mundo que girava em torno de animais, parceiros do homem ou ligados ao exercício de defesa ou de caça, para sobrevivência desse mesmo homem. Tais sinais em rochas, paredes e suportes diversos, vêm registrando o percurso da humanidade, sua evolução, mudança de comportamento e pensamento através das eras. Passa pela década de 1960, pródiga de acontecimentos no Brasil e no mundo, no campo político, cultural e artístico. No mundo e no Brasil, surgiram várias formas de protesto e de palavras de ordem. Aqui, houve o auge do calar a boca e da não-manifestação entre 1968-1975.

Entretanto a pichação tem continuado seu percurso. Saiu de uma sociedade primitiva, restrita de vida breve, até chegar à cultura e (in)civilização virtual, de grupos humanos mais díspares, dispostos a enfrentar crises agudas, desafios; renovarem-se inclusive tecnológica e virtualmente. A capacidade de adaptação, de luta e de mudanças se mostra incessante e necessária. Para se comunicar mais e melhor? Para viver mais e melhor?